

## O ÓPIO NO TRIÂNGULO DOURADO: ESTRUTURA DE UMA DAS PRINCIPAIS ÁREAS PRODUTORAS DE ÓPIO DA ÁSIA E SEUS IMPACTOS REGIONAIS

Barbara Zaghi Soares Ribeiro<sup>1</sup>

### Resumo

É sabido que a humanidade tem uma relação antiga com as drogas, iniciada há cerca de cinco mil anos. Todos os países são afetados por este fenômeno – alguns em maior intensidade do que outros. No entanto, pouco se fala sobre os entorpecentes na Ásia e em como a região é afetada por esta questão. Com isso, neste artigo, analisa-se este tema com foco na produção de ópio em uma região do Sudeste asiático conhecida como o “Triângulo Dourado”, área fronteiriça entre Myanmar, Laos e Tailândia, considerada um dos maiores centros de tráfico internacional de drogas desde 1950. O presente trabalho busca compreender como funciona a produção da substância na região, discutir seus impactos regionais e avaliar o papel do Estado sobre as plantações de papoula, planta esta que deriva o ópio. Para tanto, uma análise foi realizada por meio de relatórios específicos, artigos acadêmicos, matérias jornalísticas e documentos governamentais. Com isso, busca-se entender o que já foi feito e o que ainda pode ser feito para reduzir/eliminar o problema que a região enfrenta em relação ao ópio e seus derivados.

Palavras-chave: ópio; Triângulo Dourado; Ásia; tráfico internacional

### Abstract

It is known that humanity has an ancient relationship with drugs, beginning around five thousand years ago. All countries are affected by this phenomenon – some more intensely than others. However, little is said about drugs in Asia and how the region is affected by this issue. Therefore, in this article, we analyze this topic with a focus on opium production in a region of Southeast Asia known as the “Golden Triangle”, a border area between Myanmar, Laos and Thailand, considered one of the largest centers of international drug trafficking. since 1950. This work seeks to understand how the production of the substance works in the region, discuss its regional impacts and evaluate the role of the State on poppy plantations, a plant from which opium is derived. To this end, an analysis was carried out using specific reports, academic articles, journalistic articles and government documents. With this, we seek to understand what has already been done and what can still be done to reduce/eliminate the problem that the region faces in relation to opium and its derivatives.

Keywords: opium; Golden Triangle; Asia; international traffic.

Recebido em: 01/03/2024 | Aceito em: 01/05/2024.

---

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo pela FIAM-FAAM e pós-graduada em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. E-mail: barbara\_zaghi@hotmail.com.

## 1. Introdução

Num primeiro momento, deve-se delimitar o que é “droga”, já que o termo abrange uma grande quantidade de substâncias. Segundo o “Glossário de Álcool e Drogas” (2010), na medicina, refere-se a qualquer substância que possa prevenir ou curar doenças, bem como aumentar o bem-estar físico e mental das pessoas. Na farmacologia, o termo é referente a qualquer agente químico que altera os processos bioquímicos e fisiológicos de tecidos ou organismos. Droga é toda e qualquer substância natural ou sintética que, quando incorporada a um determinado organismo, modifica suas funções. Em seu uso comum, refere-se, principalmente, a drogas psicoativas e, especificamente, às drogas ilícitas, que não têm utilidade médica além de alterar o estado de consciência dos indivíduos.

As drogas estão divididas em duas categorias, sendo elas i) drogas ilícitas, como heroína, cocaína, ecstasy e maconha; ii) drogas lícitas, como o álcool. Os componentes que tornam uma substância lícita ou ilícita são, dentre diversos aspectos, os interesses políticos e/ou econômicos. Para ilustrar a questão, em 1920, nos Estados Unidos, ocorreu a proibição do álcool. Na época, foi levantada a questão de que o álcool causava dependência e era responsável pela violência urbana, criminalidade e pobreza. O objetivo da lei era acabar com problemas sociais, como esvaziamento de asilos e prisões e redução de gastos do Estado (Reinarman; Levine, 1997; Levine, 1984 apud Santos et al, 2015). No entanto, com o passar dos anos, o álcool foi caracterizado um elemento de sociabilidade. Nos dias atuais, o álcool só é estritamente proibido em situações em que a pessoa que ingeriu a substância tenha que dirigir. A explicação para isso é que o álcool é uma droga depressora, pois causa diminuição nas atividades do Sistema Nervoso Central. No início da ingestão, a substância provoca euforia, mas depois, o efeito é de sonolência (Lopes, 2022).

Neste artigo, o foco recai na estrutura da produção de ópio, particularmente na região conhecida como “Triângulo Dourado”. A escolha do tema deu-se pelo fato de que os problemas com as drogas ultrapassam fronteiras nacionais, levantando, portanto, questões transnacionais que precisam ser exploradas. Apesar de o fenômeno da droga ser bastante discutido, como foi feito nas pesquisas “O Sudeste Asiático e as drogas: desafios à ordem regional” e “Drug trafficking in and out of the Golden Triangle”, pouco se sabe

sobre o Sudeste asiático levando em consideração à escassez de material voltado a região, o que também justifica a escolha deste objeto de análise, já que existe um número limitado de trabalhos com este enfoque.

É importante levantar a discussão sobre a estrutura da produção de ópio no “Triângulo Dourado” pois, mesmo, com regimes severos de proibição do tráfico, uso e consumo de ópio, a produção segue em ritmo estável. Além disso, é imprescindível estudar o tema porque, de acordo com o Relatório Mundial sobre Drogas, divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), por meio do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, 2021), cerca de 275 milhões de pessoas usaram entorpecentes no mundo em 2020, ao passo que mais de 36 milhões sofreram por algum tipo de transtorno relacionado ao uso de ilícitos. O relatório também aponta que o uso de opioides – substâncias derivadas da papoula – na Ásia é comparável à média global, pois mais da metade do número global de usuários de ópio reside no continente. Ainda, os altos níveis de usuários de ópio estão concentrados no Sudeste asiático, sendo 3,2% da população adulta, ou seja, 6,8 milhões de usuários.

Além dos pontos mencionados, o assunto é um dos temas principais da agenda contemporânea de Relações Internacionais. Para alcançar os objetivos propostos, realizamos um estudo de caso qualitativamente exploratório e descritivo da produção do ópio na região destacada mediante a coleta de diversas fontes, dentre as quais de relatórios específicos, artigos acadêmicos, matérias jornalísticas e documentos governamentais. Para melhor compreender o tema, o trabalho foi dividido em cinco partes, sendo elas: descoberta dos entorpecentes, incluindo o ópio; descrição do “Triângulo Dourado”; estrutura da produção de ópio em Myanmar, Laos e Tailândia; controle do Estado sobre a produção da papoula e sobre o tráfico de ópio e quais são os impactos causados por conta da produção do ópio na região.

O problema com as drogas no Sudeste asiático não é novo e tem sido um desafio enfrenta-lo. No decorrer deste artigo, são apresentados programas que foram realizados com o intuito de reduzir a produção, o uso e o consumo de ópio nos países do “Triângulo” e quais foram os resultados alcançados, as características que fazem a região ser relevante na produção e no tráfico de ópio e porque o entorpecente é a principal característica desta área. Com isso, busca-

se compreender o que já foi feito e o que ainda pode ser feito para eliminar – ou reduzir o problema com os opioides na região.

## 2. Descoberta dos entorpecentes, incluindo o ópio

Segundo Lopes da Silva (2013), o uso de drogas remete aos primórdios da civilização. O fato é compreensível, já que, durante milhares de anos, havia na natureza plantas contendo substâncias venenosas – pois, bem como os espinhos, os venenos serviam para proteger os arbustos dos animais mais ferozes. Foi por conta de venenos naturais que as civilizações mais antigas iniciaram a farmacologia.

Em matéria publicada por Lopes (2019), a humanidade tem uma relação antiga com os entorpecentes, quando há milênios eram empregados em rituais indígenas, festas romanas, dentre outros. Cerca de 5 mil anos atrás, determinada tribo de pigmeus da região central da África teria saído para caçar e, durante a caçada, foi observado o comportamento de javalis que comiam de certa planta. Um dos pigmeus decidiu então provar daquela planta. A informação foi compartilhada com outros membros da tribo, que passaram a apreciar a sensação de entorpecimento. Eles acreditaram que havia uma divindade no arbusto e começaram a venerá-lo. Rituais como este, que foram passados de geração em geração e para outras tribos, são realizados até a atualidade.

Especificamente sobre o ópio, pode-se dizer que ele é consumido há cerca de quatro mil anos e seu consumo teve início na Ásia Menor<sup>2</sup>. Por ser um produto natural, isto é, sua coleta dispensa transformações químicas, o ópio foi provavelmente a primeira droga descoberta pela humanidade. Entretanto, encontram-se relatos sobre seu uso em quase todas as civilizações conhecidas – romanos, gregos, persas, mesopotâmicos e egípcios. No Papiro Ebers, adquiridos por Georg Ebers, há a informação de que o ópio era o componente básico em cerca de 700 remédios prescritos à época, em 1550 a.C., incluindo um paregórico para acalmar crianças (Silva; Velozo, s.d).

---

<sup>2</sup> Ásia Menor, Anatólia ou península anatoliana, é uma península localizada entre a Ásia e a Europa. No passado, era conhecida por ser um ponto de encontro de viajantes que passavam entre os dois continentes. Atualmente, a Ásia Menor é a parte asiática da Turquia. Disponível em: [https://www.suapesquisa.com/geografia/asia\\_menor.htm](https://www.suapesquisa.com/geografia/asia_menor.htm). Acesso em 10 dez. 2022.

No século XIX, o uso do ópio era tão comum quanto o de aspirina ou de paracetamol nos dias atuais. Na Grã-Bretanha, entre 1831 e 1959, o consumo dessa substância aumentou cerca de 2,4% ao ano (Silva; Velozo, s.d). A importação do ópio em 1830 era de cerca de 40 toneladas, chegando a 127 toneladas em 1860. Dessas, mais de 34 toneladas foram reexportadas para a América. Ainda no século XIX, foi extraída pelo francês Armand Seguin a principal substância ativa do ópio, a morfina. Esta foi, posteriormente, estudada pelo farmacêutico Friedrich Sertüner, que iniciou os estudos para isolar os componentes ativos das plantas. No entanto, a estrutura química da morfina só foi esclarecida 164 anos depois (Silva; Velozo, s.d).

Produzido da Ásia Central, especificamente nas Índias Britânicas, o ópio era monopólio do Império Britânico, sendo utilizado como instrumento de política mercantil desde o século XVIII. Os interesses econômicos eram mais importantes, por isso, a droga era vista como uma *commodity* e não como um problema (Silva, 2013 apud Vieira, 2018). Foi somente no século XX que se iniciaram as discussões sobre drogas nos fóruns multilaterais. No início da Guerra Fria, iniciaram-se as reuniões para definir a estrutura internacional de controle às drogas, baseadas em políticas e percepções norte-americanas sobre o tema.

### 3. O “Triângulo Dourado”

A Ásia é o maior e mais extenso continente do planeta, além de ser o mais populoso com cerca de 4,5 bilhões de habitantes – segundo dados de 2018. A macro-região abriga o país com a maior população do mundo, a China. Para melhor compreendê-la e analisa-la, a Ásia foi regionalizada em seis regiões geográficas, sendo elas: Ásia Central, Ásia Meridional (Sul), Sudeste Asiático, Ásia Setentrional (Norte), Oriente Médio e Extremo Oriente. Neste trabalho, o foco foi delimitado sobre o “Triângulo Dourado”, localizado no Sudeste asiático, que ocupa uma área de cerca de 4 500 000 km<sup>2</sup> e abrange os seguintes países: Brunei, Myanmar, Camboja, Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura, Tailândia, Vietnã e Timor-Leste. Sendo o maior a Indonésia e o menor, Singapura. Cerca de 655 298 044 habitantes vivem nesta área.

Cada um dos três países possui suas próprias características, que serão melhor descritas ao longo dos próximos parágrafos. A análise foi realizada por meio de dados obtidos diretamente do portal Country Economy<sup>3</sup>:

Começando por Myanmar, seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,583, ocupando o 147º lugar no ranking dos países, conforme divulgado em 2019. A renda per capita, de aproximadamente 1.209 dólares. Em 2020, a taxa de natalidade foi de 17,23%. No mesmo ano, a expectativa de vida em Myanmar aumentou para 67,36 anos – a expectativa de vida das mulheres era de 70,34 anos e dos homens de 64,28 anos. Myanmar tem uma taxa de alfabetização de adultos de 75,55%. Enquanto a taxa de alfabetização masculina é de 80,01%, a feminina é de 71,85%. Em comparação com o resto dos países é o número 115º no ranking de taxa de alfabetização, segundo dados de 2016.

Em relação a Laos, seu IDH é de 0,613, ocupando o 137º lugar no ranking dos países, conforme dados de 2019. Em 2020, a taxa de natalidade foi de 22,66%. Ainda em 2020, a expectativa de vida no Laos aumentou para 68,22 anos. No ano citado, a expectativa de vida das mulheres era de 70,06 anos e dos homens de 66,43 anos. O país tem uma taxa de alfabetização de adultos de 84,66%. Enquanto a taxa de alfabetização masculina é de 89,96%, a feminina é de 79,39%. Em comparação com outros países é o número 100º no ranking de taxa de alfabetização.

Sobre a Tailândia, seu IDH é de 0,777 ocupando o 79º lugar no ranking dos países, segundo recorte divulgado em 2019. Em 2020, a taxa de natalidade foi de 9,99%. No mesmo ano, a expectativa de vida foi de 77,34. Naquele ano, a expectativa de vida das mulheres era de 81,06 anos e dos homens de 73,68 anos. A posição da Tailândia melhorou em relação aos 192 países, caindo do 55º em 2019 para o 52º em 2020. O país tem uma taxa de alfabetização de adultos de 93,77%, enquanto a taxa de alfabetização masculina é de 95,2%, a feminina é de 92,43%. Em comparação com o resto dos países é o número 78º no ranking.

O “Triângulo Dourado”, também conhecido como “Triângulo de Ouro”, refere-se a uma região onde as fronteiras de Myanmar, Laos e Tailândia se encontram entre os Rio Ruak – que fica entre Myanmar e Tailândia, frente ao Laos – e o Rio Mekong – que atravessa territórios da China, do Laos, da Tailândia, do Camboja e do Vietnã. O termo é utilizado para designar uma área

de cerca de 950.000km<sup>2</sup> que se sobrepõe às montanhas dos três países mencionados. O local é conhecido, sobretudo, pela produção de ópio, ocupando o segundo lugar de maior produtor dessa substância, ficando atrás somente do Afeganistão. Desde 1950, tem sido o responsável por grande parte da oferta deste produto no mundo (Vieira, 2018).

Os terrenos locais são férteis para a plantação e desenvolvimento da papoula, planta da qual se extrai o ópio, por questões geográficas e climáticas. Há também a presença de grupos étnicos, como os Haw e o Hmong, que tradicionalmente costumavam realizar este cultivo – sendo inclusive os responsáveis pela introdução da papoula no “Triângulo Dourado” (Chalk, 1997 apud Vieira, 2018). Esses grupos, muito deles agricultores e seminômades, são considerados atores centrais do local, já que impactaram significativamente no surgimento do “Triângulo” e na criação de rotas de contrabando. As fronteiras internacionais também se cruzam por conta da zona linguística Tai, composta pelos povos Shan, Tai e Lao, que se sobrepõe a uma região formada por outras etnias que estão dispersas pela área da tríplice fronteira e pela parte da China que é próxima ao Sudeste asiático (Chouvy, 2013).

Desde o início do “Triângulo Dourado”, o tráfico de opiáceos seguiu os principais caminhos de caravanas do Sudeste asiático e do sul da China. A produção de ópio sempre esteve concentrada nas fronteiras entre os três países, onde as paisagens geográficas são marcadas por colinas, montanhas e fortes chuvas. Existe, ainda, a falta de investimento em infraestrutura no transporte, o que acaba por proteger os produtores de papoula de governos e suas agências de combate à produção e venda de drogas. Os fatores citados contribuíram para o aumento do contrabando de narcóticos. A questão pode ser melhor explicada porque o terreno onde estão as plantações permanece inacessível por estradas e pontes, somando com as chuvas anuais, as fronteiras ficam inacessíveis durante diversos meses do ano (Renard, 1996 apud Chouvy, 2013).

A expressão “Triângulo Dourado” foi utilizada pela primeira vez pelo vice-secretário de Estado dos Estados Unidos, Marshall Green, enquanto concedia uma coletiva de imprensa, em 12 de julho de 1971. Na ocasião, Green se referiu a um polígono cujos ângulos se encontravam em Myanmar, Laos e Tailândia, apontando com isso para onde se concentrava a produção de ópio. Neste momento, ele excluiu a China por conta da ausência da produção da droga em

larga escala no país, embora em meados do século XIX, durante as Guerras do Ópio (1839–1860), a substância fora amplamente traficada na China por comerciantes ingleses. Além da referência política, o “Triângulo de Ouro” diz respeito a uma das características econômicas que foram mais importantes na região, já que os primeiros comerciantes chegaram a trocar a substância por barras de ouro 99% puras (Linter, 1994 apud Chouvy, 2013).

O “Triângulo Dourado” é uma das principais regiões produtoras e rota de exportação do tráfico de ópio e metanfetamina. No final da década de 1990, a diversificação das rotas de contrabando aumentou junto com a produção de drogas ilícitas. Um dos principais motivos para a proliferação da produção e do tráfico de ópio na região pode ser atribuído, em grande parte, à Myanmar, pois, de todos os países mencionados, é o segundo maior do mundo na produção de heroína, um dos principais derivados do ópio, juntamente com a metanfetamina (Chalk, 2000 apud Harper; Tempra, 2019). Os dados do relatório de 2021 do UNODC apontaram que, em 2019, 69% da área global de cultivo de papoula estava localizada no Afeganistão, 14% em Myanmar e 9%, no México – a tendência mostra que os três países foram os responsáveis por 92% do cultivo ilícito global de papoula naquele ano. Myanmar enfrenta uma luta para reduzir a produção de drogas e o número de usuários, assim como para erradicar a papoula devido a inúmeros fatores políticos e sociais (Harper; Tempra, 2019). Lintner e Black analisam os problemas políticos e conflitos em Myanmar que contribuem para a produção e distribuição de anfetaminas (Linter; Black, 2009 apud Harper; Tempra, 2019).

O comércio de drogas está intrinsecamente ligado às realidades geopolíticas da região, desde considerações estratégicas regionais às internacionais. Uma grande porção da heroína transportada na região passa por Myanmar e Tailândia, que compartilham uma fronteira de 2.400km. A heroína começou a entrar na Tailândia por meio das cidades fronteiriças, como Chiang Khong, Nan, Loei, Nong Khai, Nakhon Phanom, Mukdahaern e Ubon Ratchathani. As estradas de Laos também são frequentemente utilizadas para o transporte das drogas, embora o meio mais popular seja por meio do tráfego marítimo, que são as lanchas que se arrastam ao longo do rio Mekong.

O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime – (na sigla em inglês, *United Nations Office on Drugs and Crime* [UNODC]) e a Associação de

Nações do Sudeste Asiático (na sigla em inglês, *Association of South-East Asian Nations* [ASEAN]), são entidades que vem realizando trabalhos e políticas públicas buscando enfrentar o problema com o ópio na região. Os dois chegaram a estabelecer metas visando à repressão ao tráfico. No entanto, as tentativas acabaram sendo frustradas e serão melhor descritas ao longo deste artigo.

Já nos anos mais recentes, a produção de ópio no “Triângulo Dourado” esteve presente nas agendas dos países e das forças nacionais antidrogas. Este comércio é uma parte de destaque na política regional do Sudeste asiático, pois há considerações geopolíticas que facilitam que o tráfico na região continue sendo realizado, e avançando, apesar de políticas severas dos países envolvidos de tentativa de repressão e combate à essa prática (Harper; Tempra, 2019).

### 3.1 A estrutura da produção de ópio

No período entre os séculos XVIII e XIX, as Índias britânicas eram consideradas o centro da maior parte do cultivo da papoula no mundo, bem como o maior provedor de ópio para a Ásia. Já no papel de maior consumidor deste produto, estava a China. Desta maneira, a Companhia Britânica das Índias Orientais<sup>3</sup> atuou como a causadora e percussora do cultivo do ópio em larga-escala. Nos locais onde a Companhia não conseguiu colonizar e, desta forma, exercer o controle sobre as plantações de papoula, ela agiu como uma espécie de incentivadora do consumo (Litner, 2000; Kissinger, 2011 apud Vieira, 2018).

O século XVIII na Ásia foi marcado pelas Guerras do Ópio, que representaram um marco na história do comércio das drogas. A maneira como os britânicos impuseram o consumo de ópio aos chineses representou o primeiro passo, na evolução da relação entre as drogas e o continente asiático. Como a substância era considerada uma *commodity* pela Grã-Bretanha, restou para diversas etnias do Sudeste asiático problemas sem solução que perduram até

---

<sup>3</sup> <sup>4</sup>A Companhia Britânica das Índias Orientais, também conhecida como Companhia das Índias Orientais (EIC), Honorável Companhia das Índias Orientais (HEIC) e informalmente como John Company, foi uma companhia primeiramente inglesa e, posteriormente, britânica, formada visando ao comércio com as Índias Orientais, mas que acabou negociando principalmente com a China Qing e com o subcontinente indiano. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select\\_action=&co\\_obra=2400&co\\_midia=2](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=2400&co_midia=2). Acesso em 26 dez. 2022.

os dias atuais. As primeiras tentativas de controle e proibição do consumo e cultivo de ópio foram severamente reprimidas pelos governos nacionais (Lintner, 2000; Maccoy apud Vieira, 2018).

Logo após as Guerras do Ópio, as cidades de Hong Kong e Xangai foram controladas pelos britânicos, que começaram a utilizar as regiões para realizar a transferência do ópio indiano que, naquele momento, era legalizado. Mesmo com complicações internas e a suscetibilidade externa, na segunda metade do século XVIII, a China começou a cultivar seu próprio ópio em grande quantidade para acabar, ou ao menos se desassociar, da dependência do produto indiano. As províncias de Sichuan, Guangxi e Yunnan foram as principais áreas de plantio, com destaque para a última delas. Os grupos étnicos que estavam especializados nas plantações acabaram migrando para o Sudeste asiático no começo do século XIX, o que causou a introdução do ópio no “Triângulo Dourado” (Chalk apud Vieira, 2018). Yunann, região conhecida por ser montanhosa, e seus vizinhos Myanmar (que estava sob domínio britânico) e a Indochina francesa (especialmente na região Leste do Laos) se destacaram como um terreno fértil para o desenvolvimento da papoula. Tanto por conta da geografia e do clima, mas também por contra os grupos que viam o cultivo do ópio como uma forma de atividade lucrativa (Lintner apud Vieira, 2018).

Dos três países, a Tailândia foi o único que não passou pela experiência colonial. Mas, ainda assim, não passou ilesa às influências e pressões europeias para modernizar o reino. Também foram os imigrantes chineses que levaram o ópio para o país, ainda no século XIX. Até 1907, quando o monopólio real foi estabelecido sobre o ópio, britânicos e chineses comercializavam seus ópios livremente pela Tailândia (Mccoy apud Vieira, 2018).

Sobre o surgimento do “Triângulo Dourado”, é imprescindível evidenciar o papel das potências coloniais, já que nenhum grupo político da região dispunha de poder, seja político ou naval, e conexões para a criação da magnitude que se formou o “Triângulo”. Os imigrantes chineses, conforme já mencionado, também tiveram uma parte importante neste processo, pois migraram em massa a partir do século XIX em direção aos países vizinhos do Sudeste asiático. Muitos deles levaram conhecimento sobre o cultivo da planta e novos hábitos, como o uso do entorpecente através do fumo, assim como focaram em atividades ligadas ao comércio. O contrabando de ópio era uma das principais movimentações do

comércio local, pois era uma alternativa ao ópio que vinha da Companhia (Mccoy apud Vieira, 2018).

Ressalta-se que durante todo o período de dominação colonial europeia, era do interesse das potências coloniais manterem o Sudeste asiático no papel de refinadores e mercadores de ópio. Outro evento que influenciou a produção de ópio e, mais tarde, de heroína, no “Triângulo Dourado” foram as duas Guerras Mundiais. Como consequência para o tráfico internacional, é possível destacar o desmantelamento de uma das principais redes de distribuição que levava o ópio produzido nas Índias britânicas e no Oriente Médio para o mundo. Para continuar atendendo à demanda internacional, foi necessário buscar fornecedores alternativos. Neste período, o “Triângulo” se destacou e passou a abastecer os mercados consumidores da região. Isso contribuiu como incentivo para o cultivo da planta (Mccoy apud Vieira, 2018, 2018).

Além disso, durante os primeiros anos da Guerra Fria, também houve o fortalecimento de grupos que realizavam a produção e o tráfico de drogas no “Triângulo Dourado”, o que pode ter ocorrido por conta da Agência de Inteligência dos Estados Unidos, conhecida, em português, como CIA, que utilizou a questão como forma de alcançar vitórias políticas. A CIA teria concedido “permissão” para as atividades do tráfico visando à contenção do avanço do comunismo no Sudeste asiático. Aviões da *Air America* chegaram a ser fornecidos para esses grupos e tanto o controle como o combate das políticas que vinham sendo realizadas, estiveram ausentes (Mccoy apud Vieira, 2018).

Mais recentemente, ainda sobre a produção de ópio, no final da última década, em 2009, o UNODC realizou uma pesquisa de campo, chamada Cultivo da Papoula no Sudeste da Ásia, lançada em Bagkok, na Tailândia. O material apontou um crescimento no cultivo da papoula em Myanmar pelo terceiro ano consecutivo. A área de plantação de ópio cresceu 11% em 2008 e quase 50% desde 2006, totalizando 31.700 hectares. Mais de um milhão de pessoas acabou se envolvendo no cultivo da papoula no país, principalmente no estado de Shan, onde é cultivo 95% do total da planta. No Laos, o aumento no cultivo foi de 19% no mesmo período<sup>5</sup>.

Conforme analisado, Myanmar é o principal produtor de ópio dos três países. Juntamente com Laos e Afeganistão, são os responsáveis por 7% da produção de ópio em escala global. Dados do UNODC divulgados em um

relatório de 2018 mostram que a produção total de ópio no mundo apresentou crescimento de 65% de 2016 para 2017, a mais alta estimativa registrada desde que o recorte passou a ser realizado, no início do século XXI (Vieira, 2018). Na região de Shan, em Myanmar, houve um aumento significativo em um período que corresponde aos anos de 2006 até 2013. Mas desde então, o número se mantém.

Ainda de acordo com o relatório de 2018, a heroína que é produzida nas montanhas do Sudeste asiático acabou perdendo espaço no mercado mundial, mas, ainda assim, continua sendo a responsável pelo abastecimento do mercado asiático. Mais da metade é destinada para a China e o restante é enviado para demais países do sudeste da Ásia e da Oceania, sendo que, no último continente, o “Triângulo” é o maior fornecedor da droga (Hamilton apud Vieira, 2018). Nos últimos anos, existiram tentativas de conversação para coordenar ações e solucionar o problema no Sudeste asiático (Ghosh apud Vieira, 2018).

Levando em conta o que foi analisado, é possível afirmar que outras substâncias podem ser derivadas do ópio – como a heroína e a metanfetamina, que causam dependência química. Esta questão afeta diretamente a estrutura do “Triângulo Dourado” nos dias atuais, que deixou de produzir somente o ópio puro e passou a produzir também seus derivados. Sobre a heroína, pode-se dizer que é uma droga considerada um opiáceo, também produzida a partir da papoula. Ela é transformada em morfina – droga utilizada para o alívio de dores intensas, pois age diretamente no sistema nervoso central e em outros órgãos do corpo com a musculatura lisa – e, posteriormente, é refinada até se transformar em heroína. A metanfetamina também é uma substância psicoativa sintética e um estimulante cerebral. Ela é produzida em laboratórios de maneira ilegal em forma de pó, cristais ou comprimidos. De maneira geral, os números oficiais apontam uma redução na produção da heroína no “Triângulo”. No entanto, isto ocorre em favor de uma nova e mais barata alternativa, a metanfetamina (Hamilton apud Vieira, 2018).

Diferentemente do que vem acontecendo com o ópio e com a heroína, a produção e o tráfico de metanfetamina seguem aumentando, conforme os dados do relatório do UNODC de 2018. Entre 2008 e 2017, houve um aumento nas apreensões de metanfetamina em cristal – o dado aponta um crescimento do

ano de 2016 para 2017, ficando atrás somente de 2015, ano em que houve mais apreensões da droga em cristal desde 2008. Já as porções de metanfetamina armazenadas em tabletes bateu recorde, apontando a maior alta desde 2008. O recorte é referente a China, Myanmar, Tailândia, Laos, Camboja e Vietnã.

As tribos que povoavam as regiões montanhosas de Myanmar aderiram a produção de metanfetamina no final da década de 1990. Esta droga tornou-se opção para alguns produtores por conta de alguns motivos, como a alta lucratividade deste mercado em expansão e facilidade e baixo custo de produção quando comparada à heroína. Além disso, a *ephedrine*, principal componente usado na produção da droga, pode ser encontrada sem grandes dificuldades na China e na Índia (Chin apud Vieira, 2018).

Segundo analistas, há outros três objetivos político-econômicos que influenciaram a consolidação da metanfetamina no “Triângulo Dourado”. São eles: i) a geração de receita para projetos de infraestrutura, levando em consideração que são necessários para a modernização de países da região; ii) desta forma que Myanmar, Laos e Tailândia também responderam às pressões internacionais em relação à erradicação do ópio; iii) melhoria nas relações com o governo da China ao atender a demanda de redução na produção de heroína que entrava em território chinês. Desta maneira, foram conquistados investimento e apoio dos chineses (Chin apud Vieira, 2018).

Segundo Vieira (2018), a Ásia passa por uma crise de metanfetamina, sendo a responsável por mais da metade do consumo mundial da droga, ficando ao lado da América do Norte como os dois maiores mercados consumidores dessa droga. A dinâmica do tráfico de drogas na região do “Triângulo Dourado” passou por transformações, como a mudança na rota de tráfico. A Tailândia, que era responsável somente pelo tráfico e distribuição das drogas para a China e demais países da área, tornou-se o principal mercado da metanfetamina produzida no “Triângulo”.

### 3.2 Controle do Estado sobre a produção da papoula e tráfico de ópio

Os países buscam soluções para enfrentar o problema com as drogas desde o século XIX. O foco tem se concentrado em três principais formas: i) reabilitação/cura dos usuários de drogas; ii) combate às organizações

criminosas, tanto domésticas quanto internacionais; iii) eliminação das produções ilícitas – como de papoula e coca, por exemplo (Mccoy apud Vieira, 2018). Nos primeiros anos da Guerra Fria, foram realizadas as reuniões que definiram a estrutura internacional de controle às drogas, baseadas em políticas e percepções dos Estados Unidos sobre o tema. De acordo com Vieira (2018), há três tratados internacionais da Organização das Nações Unidas (ONU) que são considerados marcos nos esforços de combate aos entorpecentes e que podem ser chamados de “regime de proibição internacional”, sendo eles a Convenção Única sobre Drogas de 1961, a Convenção das Nações Unidas sobre Substâncias Psicotrópicas de 1971 e a Convenção das Nações Unidas contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas (conhecida como Convenção de Viena) de 1988.

Desde a segunda metade do século XX, o proibicionismo tem sido a principal política adotada por grande parte das nações para combater as drogas. Os fundamentos desta política é de que as substâncias ilícitas devem ser criminalizadas, combatidas e reprimidas. Produtores, vendedores e consumidores são o foco principal, sendo perseguidos para que sejam presos e seus entorpecentes, apreendidos (Fiore, 2012 apud Vieira, 2018).

Entretanto, quando se fala nos moldes norte-americanos, os países acabam sendo divididos entre produtores, exportadores e consumidores. Os países em desenvolvimento passaram a ser vistos como os produtores e as maiores potencias, como consumidores. Ou seja, de forma como se os países desenvolvidos tivessem sendo atacados (Passos; Souza apud Vieira, 2018). A campanha norte-americana passou a pressionar os países produtores de ópio e de coca a erradicar suas plantações de maneira forçada. O objetivo era desbaratar o tráfico e impedir que os entorpecentes chegassem aos países desenvolvidos (Thomas apud Vieira, 2018). Por esta razão que outros governos, inspirados na postura dos Estados Unidos, passaram a adotar ações de repressão ao tráfico, receosos de que pudessem apresentar uma ameaça aos estadunidenses (Tokatlian apud Vieira, 2018). Grande parte das políticas para o combate das drogas foram elaboradas para países considerados “receptadores” das drogas no tráfico internacional. Todavia, atualmente, todos os países são tanto produtores como consumidores de algum tipo de entorpecente.

Antes de 1990, as políticas de combate ao tráfico de drogas tinham como objetivo eliminar fábricas de refinamento, interceptar carregamento, bem como identificar e prender os traficantes. As ações eram realizadas com base na pressão internacional e no proibicionismo. No entanto, esses métodos não solucionavam o problema daqueles que tinham como fonte de renda o cultivo do ópio. Após reconhecer a conexão entre a pobreza e o uso de drogas, a ONU propôs o “Desenvolvimento Alternativo”, que contou com a ajuda da comunidade internacional e teve como foco o incentivo na cultura, educação, saúde, dentre outros. Todos os três países do “Triângulo Dourado” passaram por essa experiência, mesmo que em momentos diferentes (Cohen, 2006).

A Tailândia foi o primeiro a passar pela experiência quando, em 1969, o governo militar lançou o *Royal Project* pensado para livrar o país do ópio e da heroína. O projeto contou com três fases: substituição do ópio por outros cultivos; desenvolvimento rural integrado para melhorar a renda familiar e a qualidade de vida e, a última, redução da demanda embasada na participação da comunidade. De maneira geral, o projeto buscou o desenvolvimento na região onde a produção de ópio estava concentrada. A experiência foi financiada pelos EUA, Japão, Austrália, Nova Zelândia e agências da ONU (Aramrattana; Jinawat, 2006).

Myanmar foi o segundo país a passar pelo “Desenvolvimento Alternativo”. Em 1998, a UNODC executou no local o “Projeto Wa de Desenvolvimento Alternativo das Nações Unidas”. A experiência durou cerca de cinco anos e contou com um investimento de US\$ 15 milhões. O objetivo, assim como na Tailândia, era introduzir culturas para substituir a dependência do cultivo do ópio para aprimorar as condições de saúde e educação (Chin apud Vieira, 2018). Segundo a UNODC, o projeto alcançou grandes avanços na área da saúde e da infraestrutura (Vieira, 2018).

Por último, Laos também passou pela experiência durante a década de 1990. O Programa Abrangente de Controle de Drogas teve o intuito de eliminar as plantações de ópio no norte do país e o resultado alcançado foi de uma redução de 75% nas plantações de papoula. O apoio financeiro enviado pela comunidade internacional para Laos foi escasso e a população chegou a enfrentar uma situação de profunda pobreza, já que nenhuma atividade foi capaz de gerar rendas para o sustento dos mais pobres (Cohen, 2006). Apesar da

redução no cultivo do ópio, a região de Shan, também conhecida como o coração do “Triângulo Dourado”, segue como uma das grandes produtoras de ópio (Vieira, 2018).

Conforme analisado, a produção de ópio impacta diretamente o desenvolvimento dos países do “Triângulo Dourado”. Myanmar, Laos e Tailândia sofrem com problemas de educação, saúde e infraestrutura – sendo o último deles o responsável pelas rotas de tráfico de ópio na área, já que os investimentos em obras de estradas, por exemplo, são escassos. Os habitantes dos três países são, em grande maioria, considerados pobres e enxergam a produção do ópio como uma forma de trabalho, pois precisam desse meio para garantir a sua sobrevivência.

#### 4. Conclusão

Diante das análises realizadas, pode-se afirmar que o problema com as drogas no “Triângulo Dourado” é antigo e perdura até os dias atuais. Este artigo buscou compreender os motivos que fazem com que a região seja tão expressiva na produção e tráfico de ópio. Para isso, foram analisadas a descoberta dos entorpecentes, incluindo o ópio; o “Triângulo Dourado” como um todo; a estrutura da produção de ópio; o controle do Estado sobre as plantações de papoula e sobre o tráfico e, por último, quais são os impactos causados nos países do “Triângulo” por conta da produção de ópio.

Diversos programas já foram colocados em prática na região para tentar combater o tráfico de drogas e controlar as plantações de papoula – como o Desenvolvimento Alternativo proposto pela ONU entre as décadas de 1960 e 1990 – no entanto, não foram completamente exitosos até o momento. Isso ocorre porque, atualmente, não somente o ópio, mas também seus componentes, como a heroína e a metanfetamina, seguem sendo produzidos e traficados na região. É sabido que a produção de ópio diminuiu com o passar dos anos, entretanto, os números relacionados à metanfetamina seguem demonstrando uma tendência de alta. Ou seja, apesar de a dinâmica do tráfico de drogas ter sido alterada, ela segue garantindo seu espaço entre os países do “Triângulo”, mostrando que o Sudeste asiático ainda tem esta questão para se preocupar.

Novos programas devem ser pensados, não somente tendo como foco o proibicionismo, pois, a perseguição aos traficantes e interceptação de cargas, por exemplo, não apresentaram resultados, já que os números referentes aos ilícitos seguiram em alta. Investir em novos tipos de plantações também não se mostrou uma experiência bem-sucedida, pois os habitantes da região enxergam as plantações de papoula como uma forma de comércio e utilizam este meio como fonte de renda e de sobrevivência.

Diante do que foi abordado, é possível concluir que o maior inimigo não somente do “Triângulo Dourado”, mas de grande parte do Sudeste asiático, são as drogas e principalmente o ópio. No entanto, por meio de pesquisas, é possível se aprofundar cada vez mais em quais são as características que levam a região a ser relevante na discussão das drogas, quais são as principais dificuldades enfrentadas pelo Estado para, ao menos, coibir as plantações de papoula na área, quais são as principais rotas de tráfico, quais as particularidades da população local e o que faz com que eles estejam envolvidos nas plantações, venda, preparo e consumo de ópio. Por meio desses estudos, é possível desenvolver políticas públicas voltadas para o “Triângulo” de modo que, ao longo dos anos, todas as atividades ilícitas que envolvam o ópio apontem indicadores de queda.

## Referências bibliográficas

- ARAMRATTANA, Apinun; JINAWAT, Pitaya. Law enforcement and crop substitution in the Golden Triangle. In: **Development Bulletin - Illicit Drugs and Development**, n.69, 2006, p. 49-51. Disponível em: <https://crawford.anu.edu.au/rmap/devnet/devnet/db-69.pdf>. Acesso em 12 jan. 2023.
- CHOUVY, Pierre-Arnaud. Drug trafficking in and out of the Golden Triangle. An Atlas of Trafficking in Southeast Asia. The Illegal Trade in Arms, Drugs, People, Counterfeit Goods and Natural Resources in Mainland, IB Tauris, 2013, p. 1-32.
- COHEN, Paul T. Help as a threat: Alternative development and the 'War on Drugs' in Bolivia and Laos. In: **Development Bulletin - Illicit Drugs and Development**, n.69, 2006, p. 31-35. Disponível em: <https://crawford.anu.edu.au/rmap/devnet/devnet/db-69.pdf>. Acesso em 12 jan. 2023.
- COUNTRY ECONOMY. Disponível em: <https://pt.countryeconomy.com/> Acesso em: 21 maio 2024.
- HARPER, Nathan; TEMPRA, Nathan. Drug trafficking in the Golden Triangle: The Myanmar problem and ASEAN effectiveness. **Jurnal Sentris KSMPMI**, [s.n], v.1, 2019, p.1-9.
- LINTNER, Bertil. The Golden Triangle Opium Trade: an overview. **Asia Pacific Media Services**, [s.n.], 2000, p.1-30. Disponível em: [http://www.asiapacificms.com/papers/pdf/gt\\_opium\\_trade.pdf](http://www.asiapacificms.com/papers/pdf/gt_opium_trade.pdf). Acesso em 12 jan. 2023.
- LOPES, Carlos Augusto. Por que o álcool não é tratado como uma droga? Disponível em: <https://ocid.es.gov.br/por-que-o-alcool-nao-e-tratado-droga#:~:text=O%20%C3%A1lcool%20%C3%A9%20considerado%20uma,para%20ter%20os%20mesmos%20efeitos>. Acesso em 24 jan. 2023.
- LOPES, Marco Antônio. Drogas: 5 mil anos de viagem. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/drogas-5-mil-anos-de-viagem/>. Acesso em 24 ago. 2022.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL. Glossário de Álcool e Drogas. Gabinete de Segurança Institucional Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. 2ª Edição. Brasília, 2010. Acesso em 12 jan. 2023.
- SANTOS, Maria de Fátima de Souza *et al.* A Ambivalência no Campo das Drogas: Representações de Álcool e Maconha. **Revista de Administração Educacional**, n. 2, v.1, 2015, p- 125-145.
- SILVA, Cinara Vasconcelos; VELOZO, Eudes da Silva. Ópio - A droga dos Sonhos. Disponível em: [https://i-flora.iq.ufrj.br/hist\\_interessantes/opio.pdf](https://i-flora.iq.ufrj.br/hist_interessantes/opio.pdf). Acesso em 24 ago. 2022.

SILVA, Luiza Lopes da. A questão das drogas nas relações internacionais: uma perspectiva brasileira. Brasília: FUNAG, 2013.

UNODC, United Nations Office on Drugs and Crime. Alternative Development - A Global Thematic Evaluation. **United Nations**, New York, 2005. Disponível em: [https://www.unodc.org/pdf/Alternative\\_Development\\_Evaluation\\_Dec-05.pdf](https://www.unodc.org/pdf/Alternative_Development_Evaluation_Dec-05.pdf).

Acesso em 12 jan. 2023.

\_\_\_\_\_. Myanmar Drug Control Policy. United Nations, New York, 2018.

Disponível em:

[https://www.unodc.org/documents/southeastasiaandpacific//2018/02/Myanmar\\_Drug\\_Control\\_Policy.pdf](https://www.unodc.org/documents/southeastasiaandpacific//2018/02/Myanmar_Drug_Control_Policy.pdf). Acesso em 12 jan. 2023.

\_\_\_\_\_. World Drug Report 2018. United Nations, New York, 2018. Disponível em: <https://www.unodc.org/wdr2018/>. Acesso em 24 jan. 2023.

\_\_\_\_\_. World Drug Report 2021. United Nations, New York, 2021. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/wdr2021.html>. Acesso em 24 jan. 2023.

VIEIRA, Maria Gabriela de Oliveira. O Sudeste Asiático e as Drogas: Desafio à ordem regional. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/196060>. Acesso em 28 ago. 2022.